



Revista Eletrônica Peregrino da Esperança

Volume 2 – Número 1 - 2026

Pés no Caminho, Coração na Missão *Uma reflexão espiritual sobre Marcos 6,7-13*

Maria Bernadete Miranda
mbernadetemiranda@gmail.com

"Todo envio nasce de um encontro, e todo encontro verdadeiro se transforma em caminho."

1 - O Chamado que Nasce da Intimidade com Cristo

O Evangelho de Marcos apresenta o envio dos Doze como fruto de uma relação previamente construída. Antes de enviar, Jesus chama; antes de confiar uma missão, Ele forma o coração. Não se trata de uma convocação funcional, mas existencial. O discípulo é, antes de tudo, alguém que esteve com o Mestre, ouviu sua voz e deixou-se moldar por sua presença.

Essa intimidade com Cristo é o fundamento de toda ação missionária autêntica. A missão não nasce do entusiasmo momentâneo nem de um projeto pessoal, mas de uma experiência profunda de encontro com o Senhor. Sem essa experiência, o anúncio se torna discurso vazio; com ela, até o silêncio pode evangelizar.

Jesus não escolhe os Doze por mérito, preparo intelectual ou força moral. Ele chama homens simples, limitados e frágeis. Isso revela que a missão cristã não se apoia na perfeição humana, mas na graça divina. A intimidade com Cristo transforma a fragilidade em lugar de manifestação do poder de Deus.

O chamado também implica resposta. Os discípulos poderiam recusar, mas aceitam colocar suas vidas em movimento. O envio supõe disponibilidade interior, desapego e confiança. Quem é chamado por Cristo jamais permanece imóvel: a Palavra recebida gera dinamismo, deslocamento e abertura ao outro.

Assim, Marcos 6,7-13 recorda que toda missão nasce no coração de Deus e passa pelo coração do discípulo. Somente quem permanece unido a Cristo pode ser verdadeiramente enviado, pois a missão não é prolongamento do ego humano, mas extensão do amor divino no mundo.

2 - “Dois a Dois”: A Dimensão Comunitária da Missão

Ao enviar os discípulos dois a dois, Jesus revela que o Evangelho não é anunciado em solidão. A missão cristã possui uma estrutura relacional e comunitária. Desde o início, a Igreja é chamada a testemunhar a comunhão como sinal visível do Reino de Deus.



O envio em dupla protege o discípulo do individualismo espiritual, tão sedutor quanto perigoso. A caminhada compartilhada permite correção fraterna, encorajamento mútuo e discernimento conjunto. Onde há comunhão, o peso da missão se torna mais leve e a alegria se multiplica.

Além disso, o testemunho de dois confirma a verdade anunciada. Na tradição bíblica, a palavra é confirmada por mais de uma testemunha. Assim, a presença de dois discípulos fortalece a credibilidade do anúncio e manifesta que a mensagem não pertence a um indivíduo, mas à comunidade dos que creem.

A missão em comunhão também educa para o amor concreto. Conviver, dialogar, suportar limites e diferenças faz parte do caminho evangelizador. A fraternidade não é acessória da missão, mas parte essencial dela. Evangelizar sem viver a comunhão seria contradizer o próprio Evangelho.

Portanto, o “dois a dois” revela que a Igreja é missionária enquanto corpo, não como soma de iniciativas isoladas. A comunhão é, em si mesma, um anúncio silencioso, porém eloquente, da presença de Deus no meio do seu povo.

3 - Autoridade que Vem do Alto, Não do Poder Humano

Jesus concede aos discípulos autoridade sobre os espíritos impuros, deixando claro que essa autoridade não nasce deles mesmos. Trata-se de uma autoridade recebida, não conquistada. Ela provém da comunhão com Cristo e da obediência à sua Palavra.

Diferente do poder humano, que busca domínio e reconhecimento, a autoridade espiritual tem como finalidade libertar. Ela se manifesta no serviço, na humildade e na fidelidade à missão recebida. Quanto mais o discípulo se esvazia de si, mais espaço dá para a ação de Deus.

Essa autoridade não se impõe pela força, mas pela coerência de vida. O discípulo não convence pelo discurso eloquente, mas pela verdade vivida. A autoridade espiritual nasce da conformidade entre palavra e testemunho, entre fé professada e fé encarnada.

O combate aos espíritos impuros simboliza a luta contra tudo aquilo que desumaniza o ser humano: o pecado, a opressão, a mentira e o medo. A missão da Igreja continua sendo libertar consciências e restaurar a dignidade ferida.

Assim, Marcos 6,7-13 ensina que a verdadeira autoridade do missionário está em ser instrumento da graça. Não é o discípulo que vence o mal, mas Deus que age por meio dele, quando este se mantém fiel e disponível.



4 - A Pobreza Evangélica como Confiança Radical em Deus

A orientação de Jesus para que os discípulos não levem provisões excessivas revela o coração da pobreza evangélica. Trata-se de um convite a confiar plenamente na Providência divina. O missionário aprende a depender mais de Deus do que de seus próprios recursos.

Essa pobreza não é miséria, mas liberdade interior. Ao desapegar-se das seguranças materiais, o discípulo se torna mais disponível ao Espírito Santo. A missão não é sustentada pelo acúmulo, mas pela confiança de que Deus cuida dos seus enviados.

O despojamento também impede que a missão se transforme em busca de vantagens pessoais. Quando o discípulo carrega pouco, seu coração permanece leve e aberto ao encontro. A simplicidade se torna testemunho silencioso da verdade do Evangelho.

Além disso, a pobreza evangélica cria proximidade com os pobres. O missionário não se coloca acima, mas ao lado. Ele se reconhece dependente, assim como aqueles a quem é enviado. Essa identificação gera empatia e comunhão verdadeira.

Marcos 6,7-13 nos recorda que a missão floresce quando o discípulo aprende a confiar. Onde falta confiança em Deus, a missão se torna pesada; onde há confiança, até a escassez se transforma em abundância de graça.

5 - A Hospitalidade como Lugar Teológico do Encontro

Jesus orienta os discípulos a permanecerem na casa que os acolher. A hospitalidade é apresentada como espaço privilegiado da missão. O Evangelho se anuncia dentro da vida concreta, nas casas, nas relações e no cotidiano das pessoas.

Ao aceitar a hospitalidade, o discípulo reconhece que não é autossuficiente. Ele se coloca na condição de quem recebe, e não apenas de quem oferece. Essa reciprocidade humaniza a missão e impede qualquer postura de superioridade.

A casa que acolhe torna-se lugar sagrado. Ali se partilham alimentos, histórias, dores e esperanças. A presença do missionário transforma o espaço doméstico em lugar de encontro com Deus, onde o Reino se manifesta de forma simples e profunda.

A hospitalidade também educa para a gratidão. O discípulo aprende a reconhecer a ação de Deus no outro. Muitas vezes, quem acolhe ensina mais do que quem anuncia, revelando uma fé viva e concreta.

Assim, a missão não acontece apenas nos templos ou nas praças, mas nas casas abertas ao encontro. Marcos 6,7-13 mostra que Deus escolhe a simplicidade do lar como espaço privilegiado da sua presença salvadora.



6 - A Rejeição Não Anula a Missão

Jesus prepara os discípulos para a possibilidade da rejeição. O Evangelho não é imposto, mas oferecido. Nem todos acolhem a Palavra, e isso faz parte do mistério da liberdade humana.

Sacudir a poeira dos pés não é gesto de desprezo, mas de libertação interior. O discípulo aprende a não carregar ressentimentos nem frustrações. Ele segue adiante, confiando que a Palavra tem sua própria força e seu próprio tempo.

A rejeição não significa fracasso da missão, mas fidelidade ao anúncio. Muitos profetas foram rejeitados, inclusive o próprio Cristo. O missionário participa desse destino profético, sustentado pela esperança.

Essa atitude impede que o discípulo condicione sua missão ao reconhecimento humano. A eficácia da Palavra não depende da aceitação imediata, mas da fidelidade de quem a anuncia.

Marcos 6,7-13 ensina que a missão continua mesmo diante da rejeição. O discípulo semeia; Deus faz crescer. A confiança no agir divino sustenta o coração missionário.

7 - Conversão, Cura e Libertação: Os Sinais do Reino

Os frutos da missão são claros: conversão, cura e libertação. O anúncio do Evangelho não é abstrato, mas transformador. Onde a Palavra é acolhida, a vida muda.

A conversão é o primeiro sinal do Reino. Trata-se de uma mudança de mentalidade, de direção e de coração. O Evangelho convida a abandonar caminhos de morte e abraçar a vida nova em Deus.

As curas revelam a compaixão divina. Deus se importa com o sofrimento humano em todas as suas dimensões. A unção dos doentes expressa cuidado, proximidade e esperança.

A libertação dos espíritos impuros aponta para a vitória de Deus sobre o mal. O Reino de Deus rompe as cadeias que aprisionam o ser humano, devolvendo-lhe dignidade e liberdade.

Assim, Marcos 6,7-13 conclui que a missão é sinal vivo do Reino em ação. Onde há discípulos fiéis, Deus continua curando, libertando e renovando o mundo.

Afinal, todo aquele que aceita ser enviado por Cristo descobre que, mesmo na fragilidade do caminho, a esperança nunca caminha sozinha, pois é o próprio Deus quem sustenta os seus passos.

10 - Referências Bibliográficas

BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus 1995.

BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2011.

FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos*. São Paulo: Loyola, 2006.



HIPONA, Santo Agostinho de. *Confissões*. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. *A Cidade de Deus*. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. *Sermões*. Petrópolis: Vozes, 1998.

SCHNACKENBURG, Rudolf. *O Evangelho Segundo Marcos*. Petrópolis: Vozes, 1999.



Peregrino da Esperança